

# Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

*Joaquina Soares (Coord.)*

AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

FIDS - Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

# FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

## FIDS

---

### ALCÁÇER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal  
Câmara Municipal de Alcácer  
do Sal

---

---

### SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago  
do Cacém / Câmara Municipal de  
Santiago do Cacém

---

---

### ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete  
Câmara Municipal de Alcochete

---

---

### AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região  
de Setúbal / Museu de Arqueologia e  
Etnografia do Distrito de Setúbal

---

---

### SEIXAL

Município do Seixal  
Ecomuseu Municipal

---

---

### ALMADA

Museu Municipal de Almada  
Câmara Municipal de Almada

---

---

### MOITA

Departamento de Acção  
Sociocultural  
Câmara Municipal da Moita

---

---

### SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra  
Câmara Municipal de Sesimbra

---

---

### BARREIRO

Serviços Culturais  
Câmara Municipal do Barreiro

---

---

### MONTIJO

Museu Municipal do Montijo  
Câmara Municipal do Montijo

---

---

### SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal  
Câmara Municipal de Setúbal

---

---

### GRÂNDOLA

Serviços Culturais  
Câmara Municipal de Grândola

---

---

### PALMELA

Museu Municipal de Palmela  
Câmara Municipal de Palmela

---

---

### SINES

Museu Municipal de Sines  
Câmara Municipal de Sines

---

# NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

**Rui Garcia**

(Presidente do Conselho Directivo da Associação  
de Municípios da Região de Setúbal)

# FICHA TÉCNICA

## Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)  
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)  
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

## Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

## Coordenação Editorial

Joaquina Soares

## Conselho Científico

António Nabais  
Carlos Marques da Silva  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares  
Elsa Afonso  
Fátima Afonso  
Fernanda Pinho  
Fernanda do Vale  
João Ventura  
Luís Pequito  
Lurdes Lopes  
Maria Ana Judas  
Marisol Ferreira  
Michelle Santos  
Miguel Correia  
Sandra Coelho  
Susana Duarte  
Vitor Mestre

## Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004  
E-mail: maeds@amrs.pt  
Site: www.maeds.amrs.pt  
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com  
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.  
Interdita a reprodução de imagens.

## Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

## Execução gráfica

Ana Castela  
Paula Covas

## Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

## Depósito Legal

450333/18

## ISSN

1645-0553

## Tiragem

300 exemplares  
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

# EDITORIAL

## ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)<sup>1</sup>.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)<sup>2</sup>

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*<sup>3</sup>, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História<sup>4</sup>; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

**Joaquina Soares**

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

---

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144-164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

# ÍNDICE

<b>Nota de Abertura</b>	<b>03</b>
Rui Garcia	
<b>Editorial</b>	<b>05</b>
Joaquina Soares	
<b>No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)</b>	<b>08</b>
Horácio Pena	
<b>Arqueologia Urbana e História Local</b>	<b>16</b>
<b>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34</b>	<b>17</b>
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
<b>Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica</b>	<b>39</b>
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
<b>Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”</b>	<b>51</b>
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
<b>Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal</b>	<b>79</b>
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
<b>Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer</b>	<b>101</b>
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

<p>O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela) João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos</p>	<p><b>115</b></p>	<p>Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855) Albérico Afonso, Carlos Mouro</p>	<p><b>199</b></p>
<p>O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho João Costa</p>	<p><b>129</b></p>	<p>Fran Paxeco em Sesimbra João Augusto Aldeia</p>	<p><b>213</b></p>
<p>Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna Maria João Pereira Coutinho</p>	<p><b>141</b></p>	<p>A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias Diogo Ferreira</p>	<p><b>219</b></p>
<p>A Roda dos Enjeitados Rogério Palma Rodrigues</p>	<p><b>151</b></p>	<p>Notas sobre a indústria de curtumes setubalense Carlos Mouro</p>	<p><b>233</b></p>
<p>Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho Fátima Ribeiro de Medeiros</p>	<p><b>163</b></p>	<p>Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais Pedro Fernandes</p>	<p><b>245</b></p>
<p>Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855 Ernesto Castro Leal</p>	<p><b>179</b></p>	<p>A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação Pedro Fernandes</p>	<p><b>253</b></p>
<p>O feriado municipal e a memória colectiva setubalense Carlos Mouro, Horácio Pena</p>	<p><b>187</b></p>	<p>Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX) António Chitas</p>	<p><b>261</b></p>
		<p>“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943 Fátima Afonso, Fernanda Ferreira</p>	<p><b>271</b></p>

# Arqueologia urbana e o sismo de 1755 O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal

Urban archaeology and 1755 earthquake. The context of Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal

Joaquina Soares <sup>†\*\*</sup>  
Susana Duarte <sup>\*</sup>  
Carlos Tavares da Silva <sup>†\*\*</sup>

## RESUMO

Incluído no projecto de investigação sobre as preexistências de Setúbal, desenvolvido pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), iniciou-se em 2004 o subprojecto “*Sismos e Arqueologia Urbana*”, com um programa próprio, direccionado para o estudo de contextos arqueológicos correlacionáveis com os sismos históricos para os quais existe documentação historiográfica mais ou menos numerosa.

A primeira intervenção arqueológica direccionada para esta temática ocorreu em Dezembro de 2004 e nela se recuperou um estrato com grandes derrubes, que foi possível atribuir ao sismo de 1531. Porém, o sismo de 1755 deixou marcas mais numerosas no subsolo da cidade. É o caso do lote n.º. 170-178 da Av. Luísa Todi, agora apresentado. Neste lote, foi escavado um contexto afectado pelo tremor de terra de 1755, constituído por uma estrutura de armazenagem subterrânea colmatada por entulhos resultantes de derrubes de imóvel residencial dos séculos XVII-XVIII, provocados provavelmente pelo referido abalo sísmico.

**Palavras-chave:** Sismo de 1755; faianças setecentistas; cachimbos holandeses e ingleses; Staffordshire *agateware*; *stoneware* germânico.

## ABSTRACT

Included in the research project on the pre-existences of Setúbal, developed by the Centre for Archaeological Studies of the Museum of Archaeology and Ethnography of the Setubal District (MAEDS), the subproject “*Earthquakes and Urban Archaeology*” was launched in 2004 with its own program, directed to the study of archaeological contexts correlated with historical earthquakes for which there are more or less historiographical documentation.

The first archaeological excavation concerned to this theme occurred in December 2004 and recovered a layer with large block tumbles that could be attributed to the earthquake of 1531. However, the earthquake of 1755 left more numerous marks in the urban subsoil. This is the case of the n.º. 170-178 of Av. Luísa Todi. In this plot, a context affected by the earthquake of 1755 was excavated, consisting of an underground storage structure filled with debris resulting from the overthrown of a seventeenth-eighteenth-century residential building caused by the referred earthquake.

**Keywords:** 1755 earthquake; 18th century faience; Dutch and English pipes; Staffordshire *agateware*; German *stoneware*.

\* - Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal.

\*\* - UNIARQ, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.



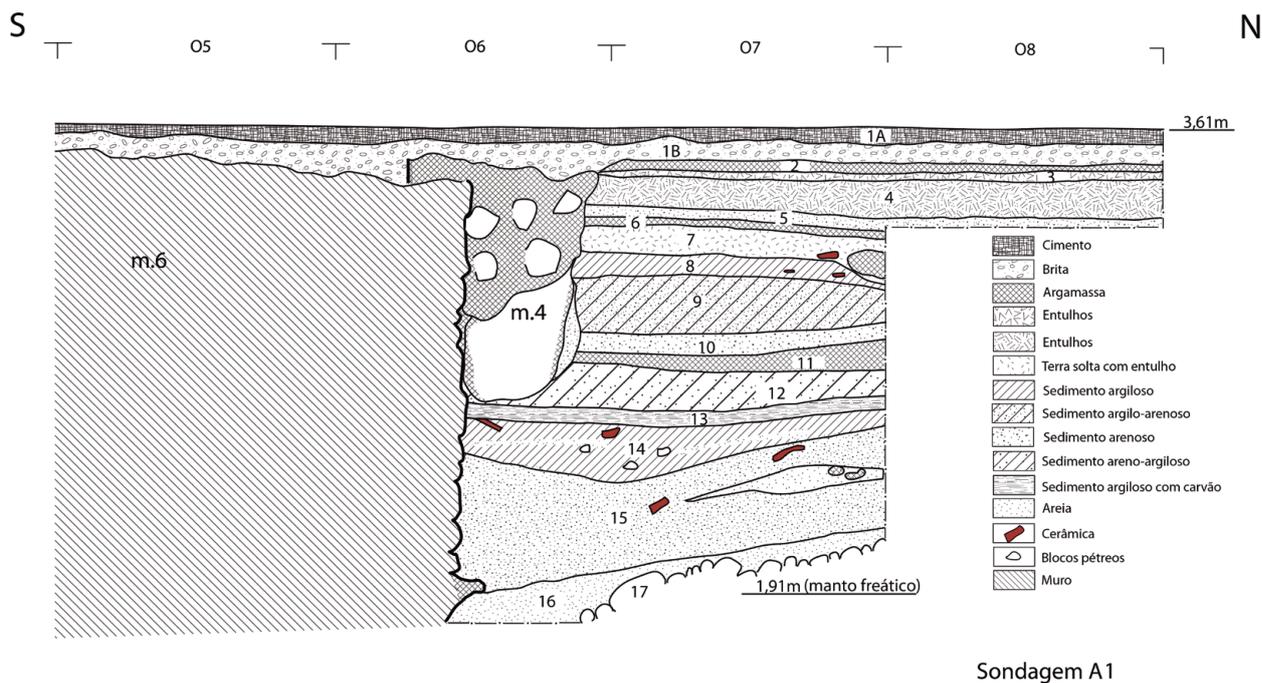


Fig. 3 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Perfil estratigráfico oeste da Sondagem A1.

C.10 – Depósito arenoso castanho acinzentado, contendo fauna, cerâmica do século XV (Fig. 6, nº1 a 5) e alguns carvões. Espessura máxima *ca* 0,08 m.

C.11 – Piso em argamassa. Espessura máxima *ca* 0,09m.

C.12 – Sedimento castanho acinzentado, areno-argiloso, contendo escassos materiais arqueológicos. Espessura máxima *ca* 0,17 m.

C.13 – Piso em argila cinzenta, com carvões e lenticulas de areia; está em conexão com a muralha medieval. Surgem escassos fragmentos de cerâmica do século XV. Espessura máxima *ca* 0,06 m.

C.14 – Sedimento argiloso com lenticulas de areia e com cerâmica do século XV (Fig. 6, nº6 a 8). Encosta-se à parte subaérea da muralha medieval. Espessura máxima *ca* 0,20 m.

C.15 – Lixeira instalada contra a muralha medieval. Embalada em sedimento arenoso acinzentado, com alguns blocos pétreos de grandes dimensões. Contém abundante cerâmica dos finais do século XIV/inícios do século XV (Fig. 7), correspondendo, essencialmente, a formas de cozinha (caçarolas com sulco para encaixe de tampa, alguidares, painéis, testos com barbela), algumas cerâmicas de armazenagem e escassa cerâmica de mesa (taças); fauna e material de construção. Espessura máxima *ca* 0,50 m.

C.16 – Areia acinzentada, arqueologicamente estéril; foi cortada pela vala de construção do alicerce da muralha medieval (m.6). Espessura máxima escavada 0,18m. Não foi atingida a base do alicerce da muralha.

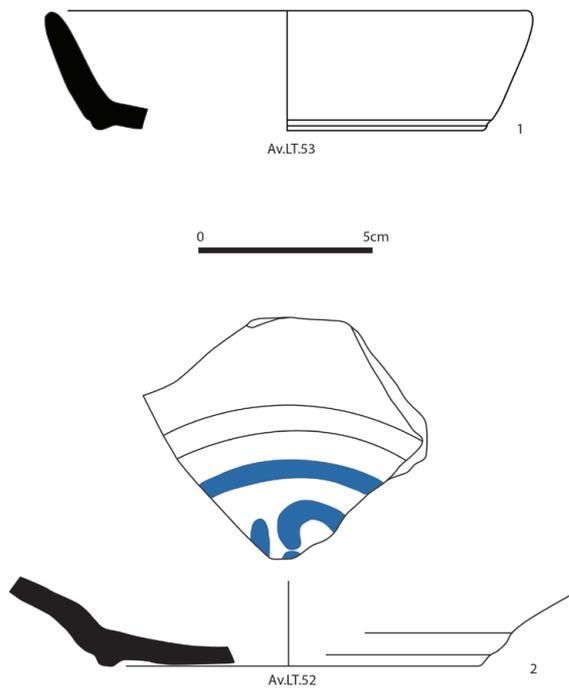


Fig. 4 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A1. 1 - covilhete em faiança (finais do século XVII) proveniente da C.5; 2 - prato em faiança com decoração a azul de cobalto (finais do século XVII - 1ª metade do século XVIII) proveniente da C.3.

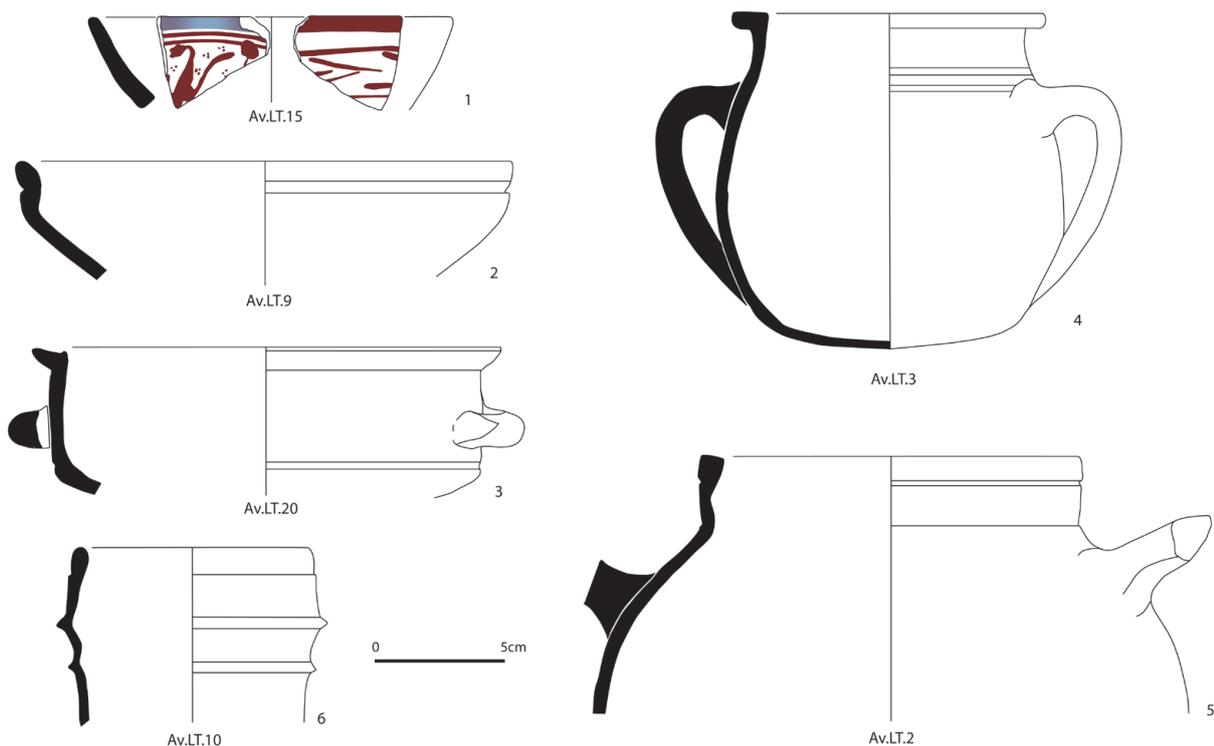


Fig. 5 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A1. Cerâmica proveniente da C.9 com cronologia do século XVI. Cerâmica hispano-árabe de importação valenciana (1 - taça). Cerâmica comum de produção local/regional (2 - tigela; 3 - caçarola; 4 e 5 - panelas; 6 - bilha).

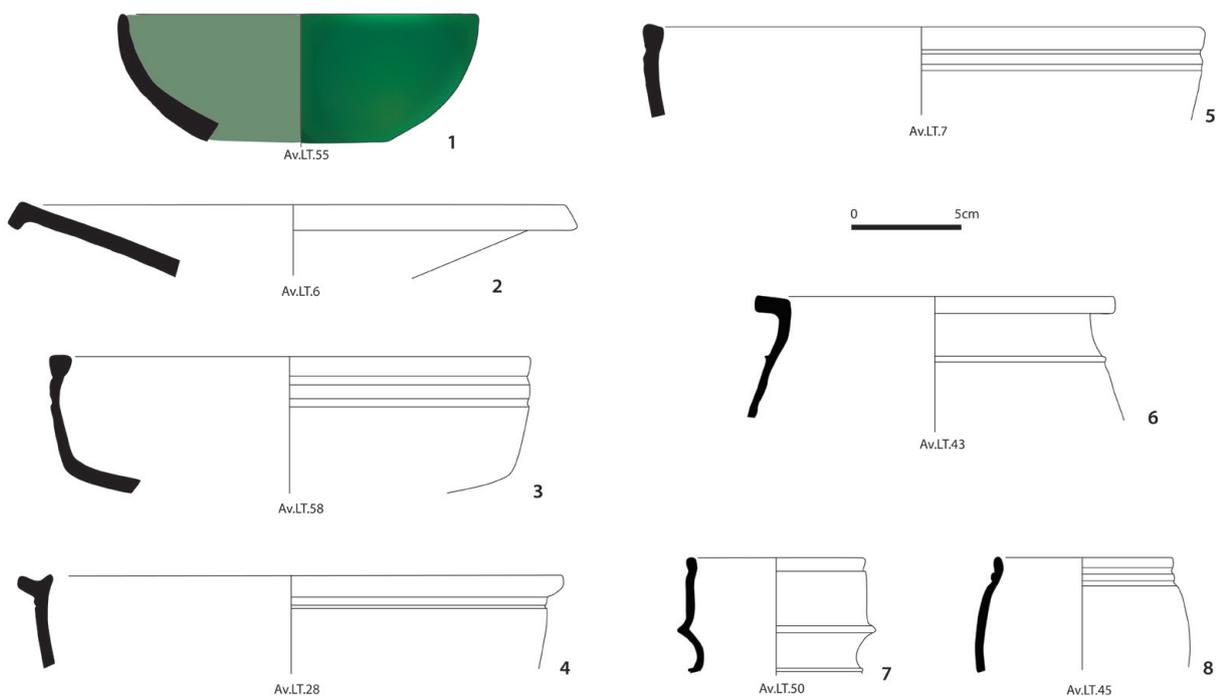


Fig. 6 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A1. Cerâmica do século XV proveniente da C.10 (cerâmica vidrada a verde: 1 - taça; cerâmica comum: 2 - prato; 3 a 5 - caçarolas) e proveniente da C.14 (cerâmica comum: 6 - panela; 7 - bilha; 8 - púcaro).

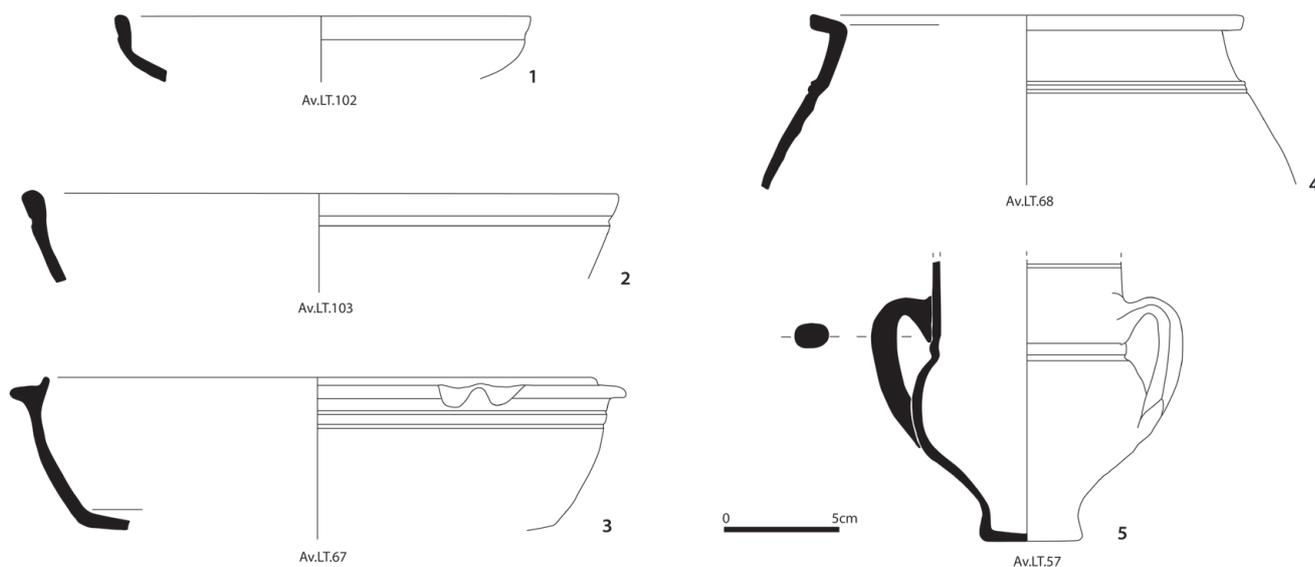


Fig. 7 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A1. Cerâmica comum dos finais do século XIV/inícios do século XV, proveniente da C.15 do interior da muralha medieval: 1 - taça; 2 e 3 - caçarolas; 4 - panela; 5 - púcaro.

C.17 - Depósito de blocos pétreos, rolados, em calcário e rochas ígneas resultantes da desagregação de rampa portuária observada na Sondagem B, intercalados por areias acinzentadas. Atingiu-se nesta camada o topo do manto freático à cota de 1,91m, ou seja, à profundidade de 1,70m em relação ao actual piso do edifício.

#### SONDAGEM A2

A sondagem abrangeu a área ocupada por estrutura subterrânea de armazenagem, que fez parte do edifício construído no século XVII e foi remodelado no pós-sismo, durante o terceiro quartel do século XVIII.

#### Sequência estratigráfica do perfil oeste da estrutura de armazenagem subterrânea (Fig. 8)

C.1A - Piso actual em cimento. Espessura máxima *ca* 0,05 m.

C.1B - Sub-base do piso da C.1A, em brita. Espessura máxima *ca* 0,21 m.

C.2 - Entulhos com fragmentos de tijoleira e blocos pétreos, relativamente compactados, cujo limite superior se mostrava regularizado e horizontal. Nesta camada foi implantado o muro 1 (m.1) com orientação sul-norte (Fig. 9), que poderia ter feito parte do edifício pós-sismo; não se conservou o respectivo pavimento,

que coroaria a C.2, mas que terá sido substituído por um piso muito recente em cimento (Cs. 1A e 1B). Espessura máx. *ca* 0,45 m.

C.3A - Sedimento arenoso com entulho. Espessura máxima *ca* 0,39 m.

C.3B - Sedimento arenoso contendo fragmentos de cal. Espessura máxima *ca* 0,21 m.

C.3C - Sedimento arenoso com carvões. Espessura máxima *ca* 0,22 m.

C.3D - Entulho com fragmentos de tijoleira e blocos médios de reboco. Espessura máxima 0,23m.

C.3E - Sedimento arenoso com entulho. Espessura máxima *ca* 0,38 m.

C.4 - Sedimento arenoso com alguns fragmentos de argamassa e tijoleira. Espessura máxima *ca* 0,30 m.

C.5 - Piso da estrutura de armazenagem, em tijoleira, cujos elementos possuem 29 cm x16 cm.

O enchimento desta estrutura era constituído por espessa sequência de episódios de depósito de sedimentos arenosos, contendo blocos pétreos, fragmentos de tijoleira, argamassas ricas em cal, e carvões, níveis estes inclinados de norte para sul (Cs. 2 a 3E). Estes sedimentos, depositados em curto lapso de tempo, embalavam artefactos na sua maior parte de meados do século XVIII, podendo, em alguns casos, a tipologia

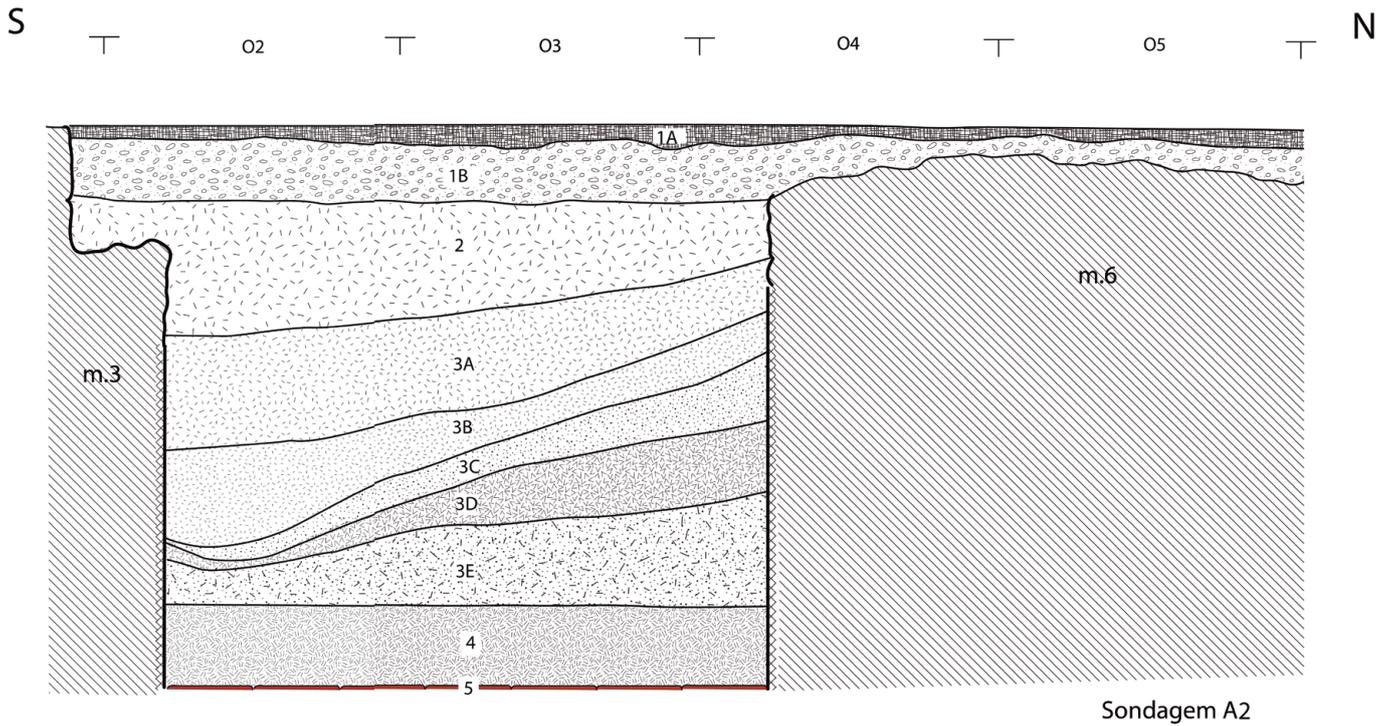


Fig. 8 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Perfil estratigráfico oeste da Sondagem A2.

0 1m

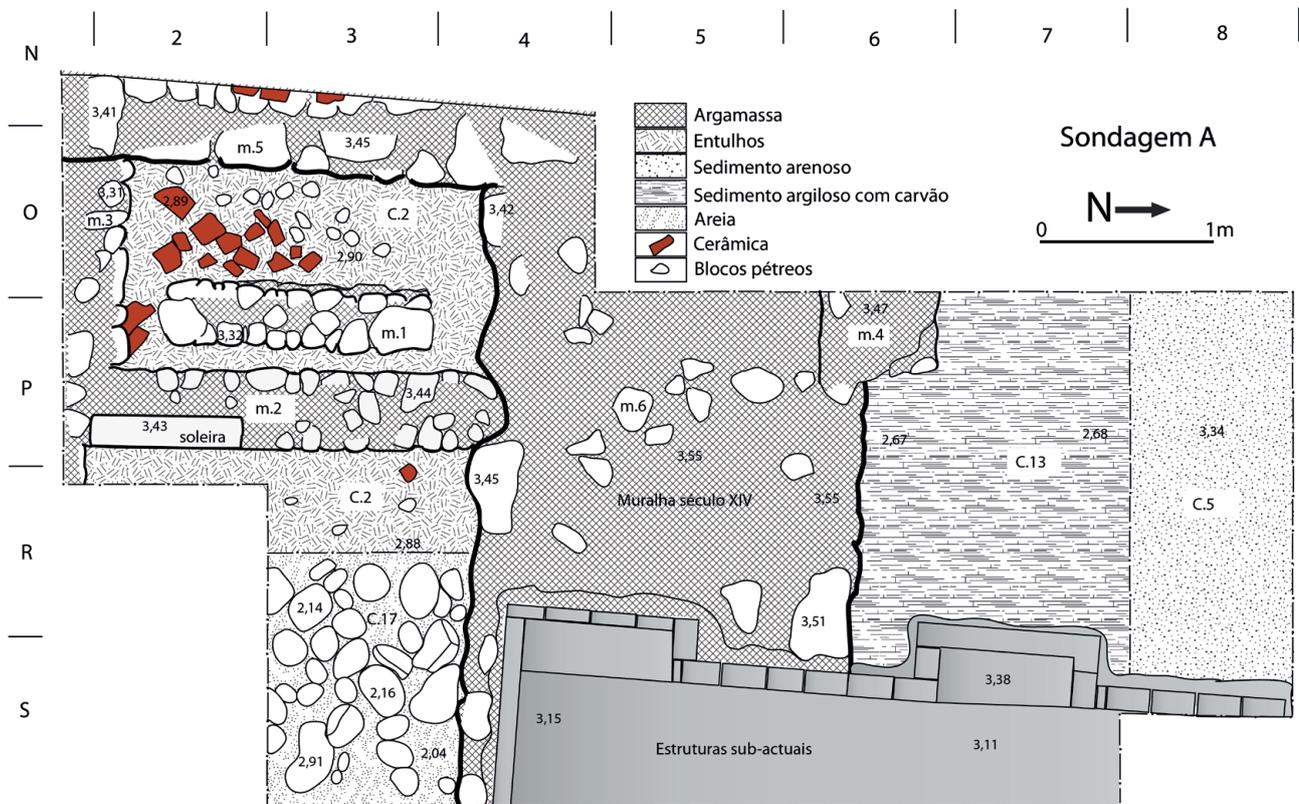


Fig. 9 - Av. Luísa Todi, 170-178. Planta com as estruturas das Sondagens A1 (a sul da muralha) e A2 (a norte da muralha).



Fig. 10 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Cerâmica de importação exumada da estrutura de armazenagem da Sond. A2: 1-caneca vidrada do tipo “agateware” atribuída ao centro produtor de Staffordshire (Newcastle-under-Lyme) (Erickson & Hunter, 2003); 2-caneca com vidrado de sal, *stoneware* germânica (renana), com decoração vegetalista a azul de cobalto e estampagem de motivo floral com seis pétalas no centro; cronologia entre 1650-1770. Fotos de Rosa Nunes.



Fig. 11 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Vasos de noite em faiança provenientes do enchimento da estrutura de armazenagem (C.3D) da Sondagem A2 (1 - vaso de noite, em faiança, com decoração vegetalista a azul cobalto e violeta de manganês; 2 - vaso de noite, em faiança, sem decoração). Fotos de Rosa Nunes.

dos materiais ser de cronologia mais ampla. O conteúdo artefactual da C.4 indica a mesma cronologia. Muitas das peças exumadas encontravam-se completas e a sua fragmentação *in situ* parece dever-se a episódio catastrófico, no caso vertente, o sismo de 1755; o processo de rápida formação do depósito de colmatação desta estrutura, e os numerosos fragmentos de materiais de construção aí encontrados apontam no mesmo sentido. Salientamos a presença de abundantes garrafas de forma ovoide achatada em vidro verde (Figs. 12, nºs 7 e 8 e Fig. 13) e algumas de secção quadrangular (Fig. 12, nº 6) de produção da Real Fábrica de Coina (Custódio, 2002). Também os cálices em vidro de pé alto e copos rasos estão bem documentados por peças de perfil completo neste contexto (Fig. 12, nºs 1 a 5), de provável produção da Real Fábrica de Coina (Custódio, 2002). A faiança está representada por vasos de noite (Fig. 11) e

cerâmica de mesa de produção nacional. Foram recolhidos forninhos e hastes de cachimbos de produção holandesa (Fig. 14, nºs 1 a 10 e Fig. 15), providos de marca no pedúnculo (Meulen, 2003) e também um forninho de cachimbo dotado da marca “TD” coroada por 2, de produção inglesa (Fig. 14, nº 11). Registaram-se ainda outras importações, como uma caneca vidrada atribuída ao centro produtor de Staffordshire de tipo *agateware* e outra de produção renana e tipo *stoneware* (Fig. 10). A primeira difundiu-se a partir do 2º quartel do século XVIII, atingiu grande popularidade por volta de 1750 e terminou o seu fabrico em 1770 (Erickson & Hunter, 2003). A caneca de produção germânica, com vidrado de sal, *stoneware* (renana), e decoração vegetalista a azul de cobalto e estampagem de motivo floral com seis pétalas no centro possui uma cronologia entre 1650-1770 (Fig. 10, nº 2).

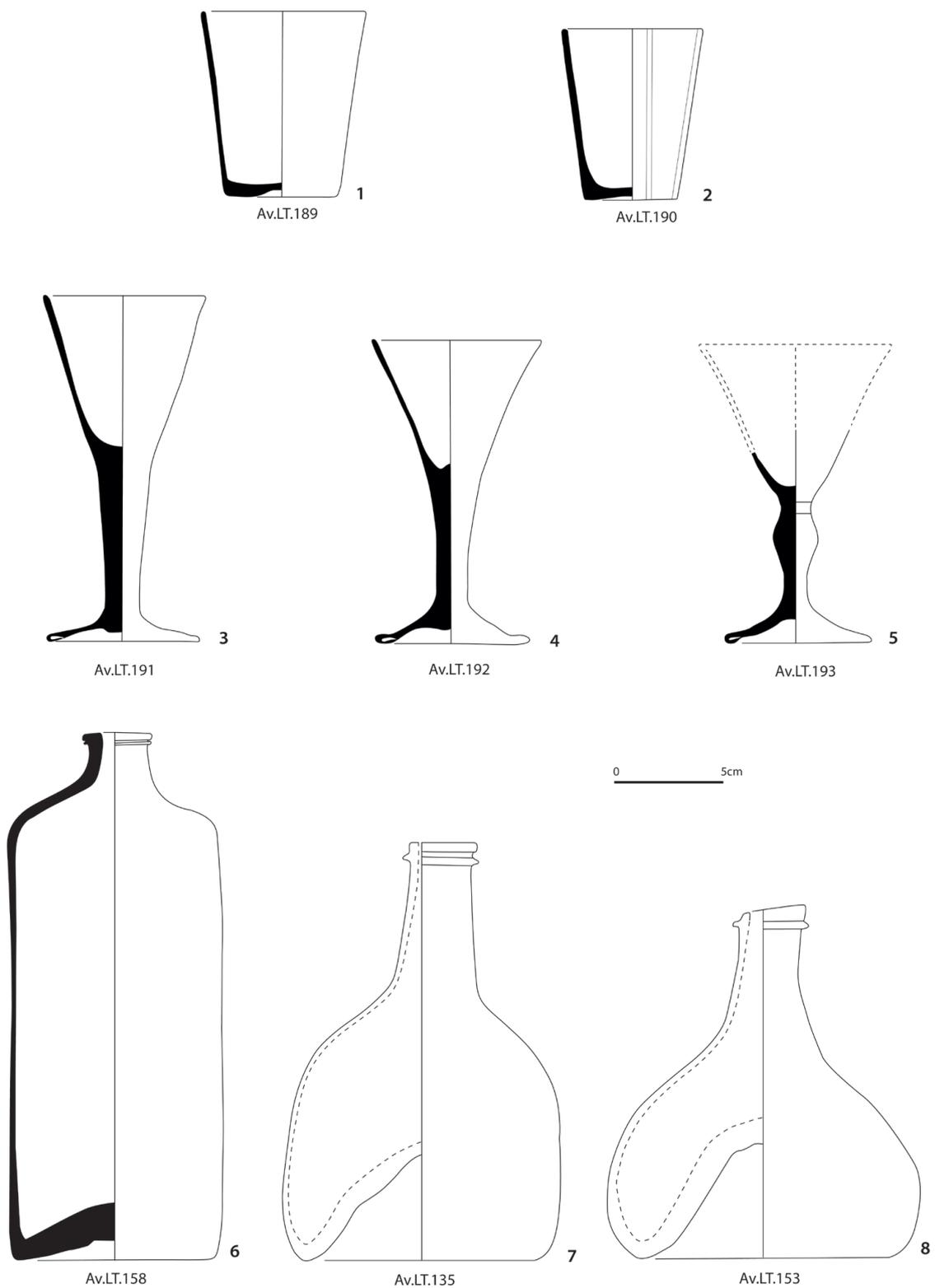


Fig. 12 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A2. Vidros provenientes do enchimento da estrutura de armazenagem.

C.3D: 6 - garrafa de secção quadrangular em vidro verde; 7 - garrafa de forma ovoide, em vidro verde; 8 - garrafa de forma ovoide achatada em vidro verde. C.3E: 1 - copo raso. C.4: vidros da base da estrutura de armazenagem, 2 - copo raso canelado; 3 a 5 - copos de pé alto em anel de tipo inglês.



Fig. 13 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A2. Garrafas em vidro verde escuro, provenientes do enchimento da estrutura de armazenagem, provavelmente produzidas na Real Fábrica de Coína, destinadas, por hipótese, a conter “água de Inglaterra”, medicamento em voga no século XVIII (Castro, 1828; Pinto, 2015). Restauro de Paula Palmeira. Foto de Rosa Nunes.

#### **ESTRUTURAS DA SONDAGEM A** **Fortificação medieval**

A fortificação medieval foi identificada nas Sondagens A1 e A2 (m.6 e m.5). Tivemos acesso às faces externa e interna da muralha, de orientação este-oeste (m.6); com cerca de 2,3 m de largura e c. 1,60 de altura conservada acima do alicerce (Figs. 3, 8 e 9). Na base do paramento externo do troço da muralha (m.6), nos Qs. R-S/4, observámos vestígios de erosão marinha. Acedemos igualmente à face externa de presumível torre, de planta rectangular (m.5), de orientação norte-sul (Figs. 9 e 16).

#### **Edifício residencial dos séculos XVII/XVIII**

Quando da construção, provavelmente por volta de meados do século XVII, de edifício residencial (m.3), a muralha (m.6) foi arrasada e ultrapassada a sul pelo mesmo. A presumível torre rectangular da fortificação medieval parece ter sido, pelo menos parcialmente, conservada em altura, e integrada na fachada meridional do imóvel, o qual visivelmente se abria à praia, e às

brisas marítimas, rompendo com a clausura e a atmosfera insalubre do interior da velha cerca medieval, tão bem descrita por Carl Israel Ruders (2002), que visitou e conviveu com a elite setubalense na transição para o século XIX. Este edifício surge esquematicamente representado na gravura de Pierre Baldi, de 1668. Colapsou, parcialmente, por efeito do sismo de 1755, tendo-se conservado o sector do imóvel que integrou a torre (?) medieval. No pós-sismo, foi rapidamente reabilitado, adquirindo a volumetria e tipologia que manteve até à actualidade. O seu interior foi alvo de alterações no que respeita à organização do espaço, com demolição de paredes (m.1 e m.4), revisão e substituição de pavimentos. Encontra-se representado arqueologicamente pelo já referido m.3, e pelas Cs. 4 a 6 da Sond. A1.

#### **Estrutura subterrânea de armazenagem**

Em conexão com o muro 3 (m.3), correspondente à fachada meridional do imóvel anteriormente referido

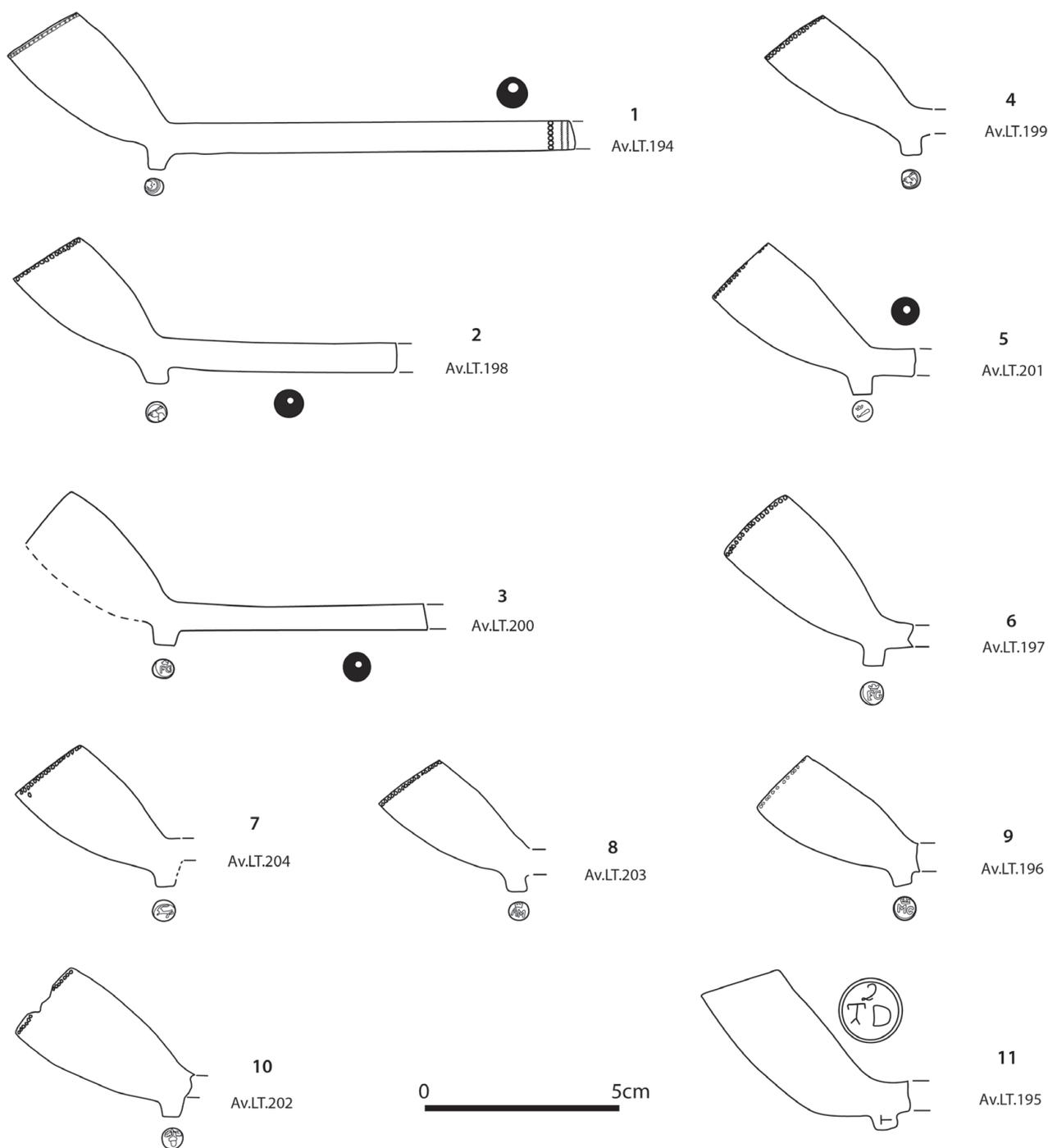


Fig. 14 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A2. Cachimbos provenientes do enchimento da estrutura de armazenagem. Produção holandesa: 1 - fornilho e haste de cachimbo com marca no pedúnculo de meia lua (*halve maan*), produzido entre 1674-1759; 2 e 4 - fornilho e haste de cachimbo com marca no pedúnculo de mão escrevendo (*schrijvende hand*) atribuída à oficina de Hage Jaspersz van Kint que laborou entre 1714-1759; 3 e 6 - fornilho e haste de cachimbo com marca FG no pedúnculo atribuído à oficina de Frank Vergeer que laborou entre 1728-1782; 5 - fornilho e arranque de haste de cachimbo com marca no pedúnculo de baleia coroada (*schaats*), produzido entre 1713-1759; 7 - fornilho de cachimbo com marca no pedúnculo de cervídeo (*vliegend hert*), produzido entre 1660-1776; 8 - fornilho de cachimbo com marca no pedúnculo de AM coroado, produzido entre 1667-1865; 9 - fornilho de cachimbo com marca no pedúnculo de MG coroado, produzido entre 1667-1865; 10 - fornilho de cachimbo com marca no pedúnculo de bolota com duas folhas (*aker*), produzido entre 1667-1762 (Meulen, 2003). Produção inglesa: 11 - fornilho de cachimbo e arranque de haste com marca TD encimada por um 2 no fornilho, de meados do século XVIII.



Fig. 15 – Avenida Luísa Todi, 170-178. Macrofotografias das marcas dos cachimbos provenientes da Sondagem A2. Fotos de Rosa Nunes.

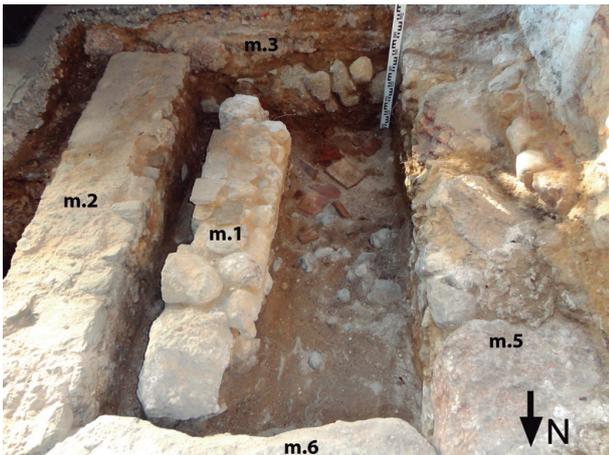


Fig. 16 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem A. Exterior da fortificação medieval (muros 5 e 6) que, com os muros 2 e 3, delimitavam a estrutura de armazenagem.

e actualmente existente, foi construído o muro 2 (m.2), para a delimitação de um depósito de armazenagem subterrâneo, de planta rectangular, que reutilizou os paramentos externos da muralha, a norte, e da torre (?), a oeste. O acesso ao interior do depósito seria realizado, provavelmente, por escada de madeira, cuja soleira se localizou no canto sudeste do muro 2 (m.2). O interior desta estrutura possuía cerca de 2m de comprimento, 1m a 1,25m de largura e 1,5m de profundidade, ou seja, uma capacidade de c. 3,5m<sup>3</sup>. As paredes eram rebocadas e a base pavimentada a tijoleira (C. 5, da Sond. A2, - Figs. 8 e 9). Um importante conjunto de peças completas, datado da primeira metade do século XVIII, foi aí acumulado, sendo os espaços intersticiais preenchidos por fragmentos de reboco e outros materiais de construção tombados dos muros afectados provavelmente pelo sismo, o que provocou a fragmentação *in situ* das peças nele contidas. Sobre a C.4 formou-se um espesso enchimento (C.3, da Sond. A2), a expensas dos materiais tombados da parte do imóvel que teria ruído por efeito do mesmo sismo. Este enchimento foi regularizado (C. 2 da Sond. A2) e sobre ele construído o piso do imóvel da segunda metade do século XVIII, que mais tarde, já no século XX, viria a ser substituído por piso de cimento que se manteve até aos nossos dias (C.1A da Sond. A2).

### TROÇOS DE MURO INDETERMINADOS

O muro 1 (m.1), de orientação norte-sul, localiza-se no exterior da muralha medieval, sobrepõe-se à estrutura subterrânea de armazenagem e implanta-se na C.2 da Sond. A2. Deve ter feito parte de algum compartimento do edifício rehabilitado na sequência do sismo, quando aquela estrutura subterrânea já se encontrava inoperante. A demolição do compartimento a que pertenceu foi anterior à instalação do último piso do imóvel, em cimento, adaptando-o a fins comerciais (armazém de azeite e loja de venda de bicicletas).

O muro 4 (m.4), de orientação este-oeste, encontra-se reduzido ao alicerce, com expressão somente no perfil oeste da Sondagem A1; encostou-se e sobrepôs-se à face interna da muralha medieval, estando em conexão com o piso da C. 2 da Sond. A1, pertencente ao imóvel rehabilitado na sequência do sismo; cortou as Cs.3 a 12; é constituído por blocos pétreos de calcário, de pequenas e médias dimensões, e grande bloco de brecha da Arrábida na base (Figs. 3 e 9).

### SONDAGEM B

#### SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA DO PERFIL ESTE (FIG. 17)

C.1 – Piso actual em cimento. Espessura máxima ca. 0,03 m.

C.2 – Regularização para assentamento do piso da C.1. Espessura máxima ca. 0,03 m.

C.3A – Calçada composta por blocos pétreos e zonas argamassadas com negativos de tijoleira. Espessura máxima ca. 0,12 m.

C.3B – Sub-base da calçada da C.3A constituída por entulhos de cor amarelada, escassos fragmentos de cerâmica e fragmentos de copos de vidro com técnica moldada canelada (1ª metade do século XVIII). Espessura máxima ca. 0,20 m.

C.4 – Sedimento arenoso, castanho escuro, com alguns entulhos e argilas amareladas. Surgem cerâmicas da segunda metade do século XVII, das quais destacamos fragmentos de faiança com motivo de aranhões e de semi-círculos concêntricos a azul de cobalto; escassos elementos faunísticos mamalógicos. Espessura máxima ca. 0,20 m.

C.5 – Entulho amarelado com areão. Esta camada contém cerâmica do século XVI, materiais de construção e fauna. Espessura máxima ca. 0,29 m.

C.6 – Areia castanha clara solta, contendo escassos fragmentos de cerâmica rolada e seixos de pequenas

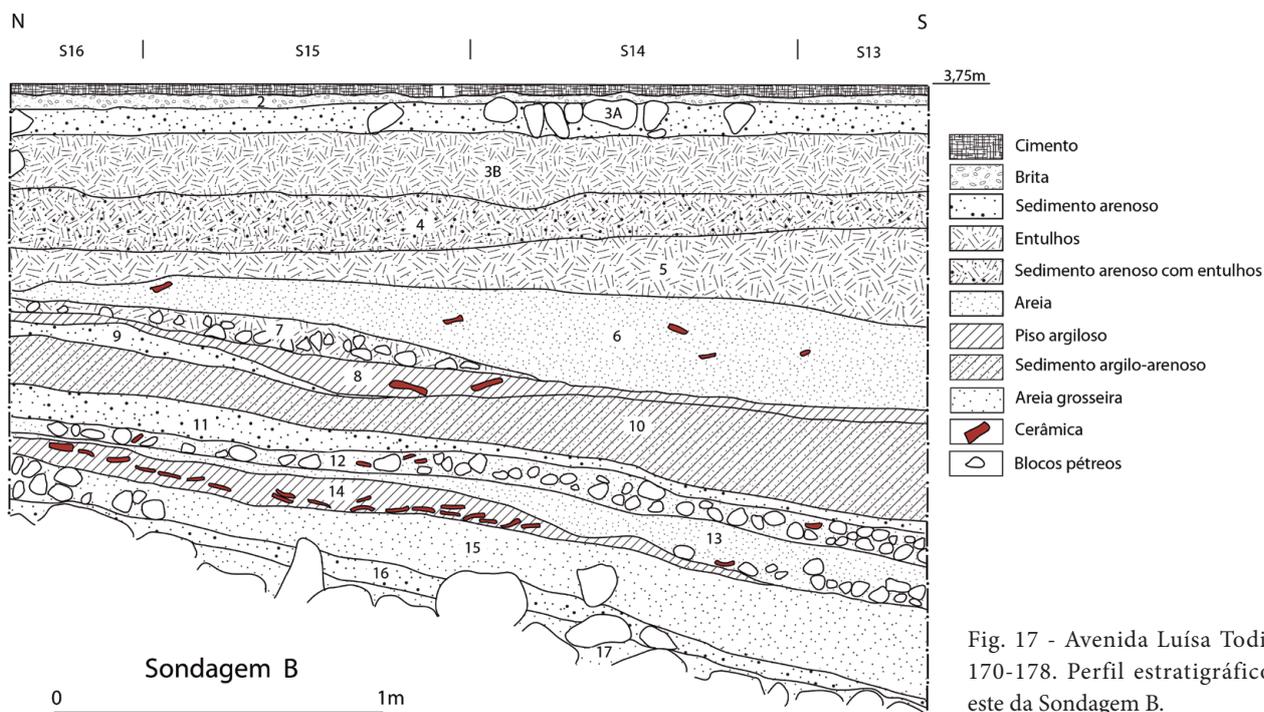


Fig. 17 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Perfil estratigráfico este da Sondagem B.

dimensões. Espessura máxima *ca.* 0,30 m.

C.7 - Entulhos de cor branca com alguns fragmentos de cerâmica. Espessura máxima *ca.* 0,10 m.

C.8 - Piso argiloso com algumas zonas argamassadas. Espessura máxima *ca.* 0,10 m.

C.9 - Sedimento arenoso de cor negra com escassos fragmentos de cerâmica comum e esmaltada a branco estanífero do século XVI. Espessura máxima *ca.* 0,07 m.

C.10 - Sedimento argilo-arenoso, castanho-escuro, com material de construção medieval e romano, escassa cerâmica (romana, islâmica e medieval cristã), fauna mamalógica e malacológica. Espessura máxima *ca.* 0,30 m.

C.11 - Sedimento arenoso grosseiro, contendo cerâmica medieval e romana (*sigillata sudgálica*). Destacamos a presença de bilha em cerâmica comum dos finais do século XIV (Fig. 18, nº2). Espessura máxima *ca.* 0,08 m.

C.12 - Areia com calhaus rolados, embalando abundantes fragmentos de telhas medievais e romanas, alguns fragmentos de tijoleira romana e escassa cerâmica medieval atípica. Espessura máxima *ca.* 0,10 m.

C.13 - Areia fina com alguns calhaus rolados, embalando cerâmica de construção romana e fragmentos de recipientes cerâmicos medievais (século XIV), e romanos (fragmentos de asa de ânfora Almagro 51 a-b). Espessura máxima *ca.* 0,15 m.

C.14 - Piso argiloso, castanho-escuro, correlacionado com estrutura de possível cabana, instalada em areias de praia (variação lateral); surge púcaro com duas asas em cerâmica comum (Fig. 18, nº1). Espessura máxima *ca.* 0,10 m.

C.15 - Areia grosseira com blocos péticos rolados de pequenas a grandes dimensões. Espessura máxima

*ca.* 0,25 m.

C.16 - Sedimento arenoso, cinzento-escuro, com carvões. Surge nesta camada material de construção medieval e romano, escassos elementos faunísticos e cerâmica do século XIV. Espessura máxima *ca.* 0,08 m.

C.17 - Rampa inclinada de norte para sul, constituída por blocos péticos rolados, de médias e grandes dimensões, instalada em areias de praia.

## ESTRUTURAS

### Rampa portuária (?)

A estrutura mais antiga identificada nesta intervenção arqueológica corresponde a uma provável rampa portuária (Figs. 17 e 19), que atravessa o lote no sentido norte-sul, e que teria mais de 12m de extensão, constituída por uma plataforma (inclinada de norte para sul, ou seja, em direcção à linha de costa) de blocos péticos, em calcário e rochas ígneas (C.17 das Sondagens A1 e B). A muralha medieval parece ter-se sobreposto à “rampa portuária”, cujo topo muito desmantelado se indentificou a norte e sul da mesma.

### Cabana (?)

Em momento possivelmente anterior à construção da muralha medieval ou coetâneo à sua construção, nos finais do século XIII/século XIV, foi edificada estrutura

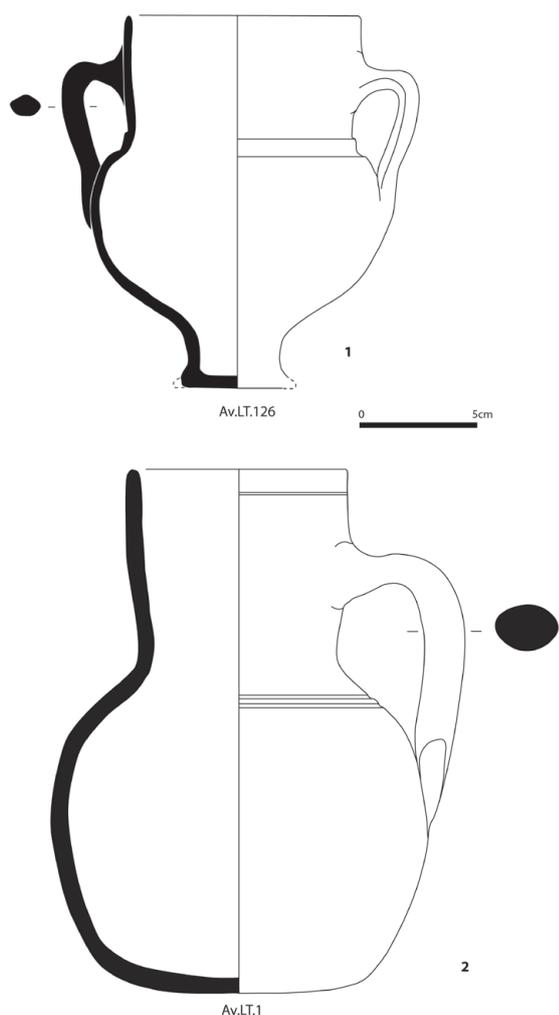


Fig. 18 - Avenida Luísa Todí, 170-178. Sondagem B. 1 - Púcaro de duas asas, em cerâmica comum, proveniente da área de possível cabana (C.14); 2 - Bilha em cerâmica comum proveniente da C.11 (finais do século XIV).

de possível cabana (C.14 da Sondagem B), envolvida por areias de praia, e assente sobre o topo destruído da rampa; possuía piso em argila e paredes, muito provavelmente em materiais perecíveis, assentes em fruste embasamento de pedra proveniente da desmontagem da rampa; são visíveis dois prováveis alinhamentos de blocos e o negativo de um poste (Fig. 20).

Quer pela inclinação, de norte para sul, em direcção à linha de costa, quer pela natureza sedimentológica, as Cs. 11 a 16 ter-se-iam formado a expensas da antiga praia, o que, por conseguinte, não admitiria a existência de um obstáculo (muralha) entre o areal e o nosso lote.

### Calçada do imóvel do século XVIII

Finalmente, a Sondagem B revelou a existência de uma calçada interior, de blocos pétreos de natureza ígnea, reparada com argamassas (C.3A), pertencente ao edifício do século XVIII (Fig. 21).

### MODALIDADES DE USO DO ESPAÇO SONDAGENS A E B

À microescala do lote é possível estimar o dinamismo do burgo setubalense a partir da Idade Média:

I) Em período medieval anterior à construção da muralha trecentista, teria existido, no lote em apreço, uma estrutura em rampa de orientação N-S, provavelmente portuária, formada por grandes blocos rolados (C. 17 da Sond. B e da Sond. A1). Esta é a primeira construção em pedra, da Baixa Idade Média, identificada em momento anterior ao da construção da muralha. Até agora tinham sido apenas registados cais palafíticos nesta frente ribeirinha, prévios à edificação da cerca do século XIV (Soares & Tavares da Silva, 2018). É, pois, provável que estejamos na área do primitivo porto comercial; tenha-se presente que o comércio marítimo deteve extraordinária importância na economia da Setúbal medieval e moderna (Virgínia Rau, 1984; Abreu, 1990; Soares, 2000; 2008);

II) A construção da fortificação medieval (cf. neste volume Soares, Pereira, Duarte e Mouro), iniciada no reinado de D. Afonso IV anteriormente à peste negra de 1348 (Braga, 1998), encontra-se documentada através de um troço de pano de muralha sem expressão subaérea e de uma provável torre rectangular parcialmente integrada na fachada meridional do imóvel actualmente existente, e onde se abre o postigo de João Galo (Soares & Tavares da Silva, 1982). Esta robusta fortificação ilustra bem o poder económico do burgo baixo-medieval de Setúbal. A cerca irá condicionar o desenvolvimento urbanístico até aos séculos XVII-XVIII, momento em que o tecido edificado “invade” a praia, atingindo o pano da muralha medieval e ultrapassando-o, contando agora com o sistema de fortificações de meados do século XVII para sua protecção;

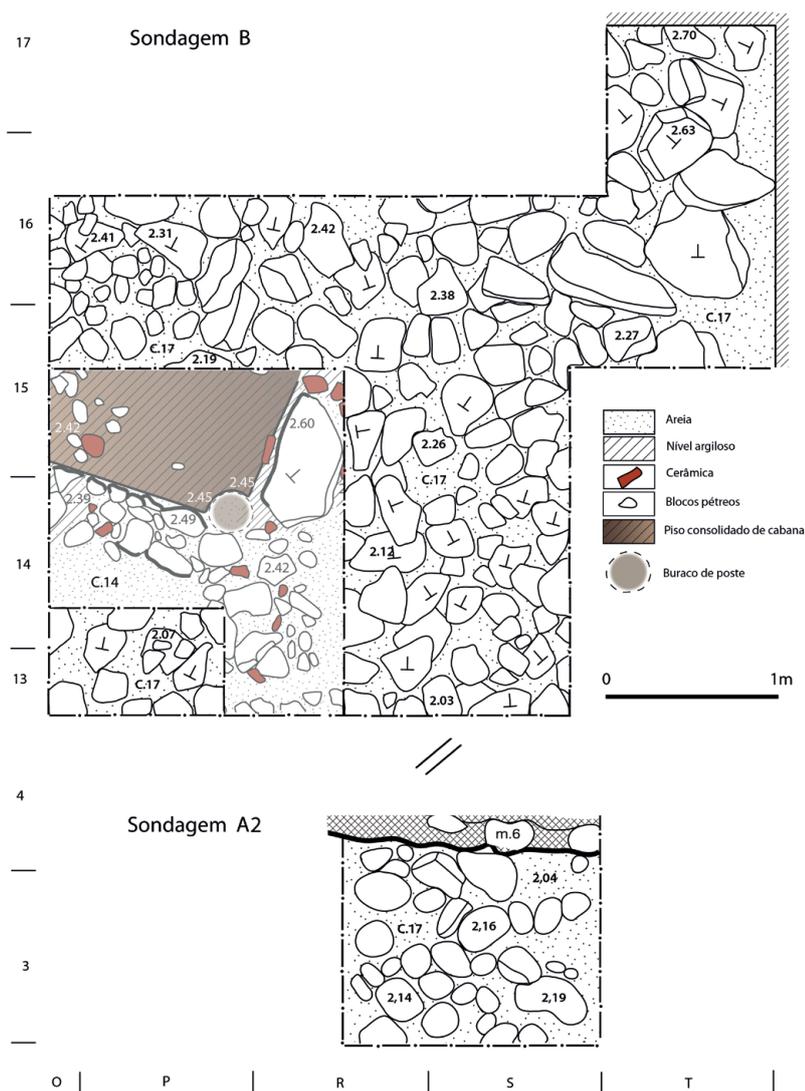


Fig. 19 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem B. Planta da rampa portuária formada por plataforma de blocos calcários e rochas ígneas (C.17), sobreposta por testemunho da C.14, com vestígios de provável cabana. Sond. A2: planta da mesma rampa (C.17).

III) No final do século XIV/início do XV, foi instalada lixeira de carácter doméstico (C.15, Sond. A1) encostada à face interna da muralha, logo acima do limite superior do alicerce;

IV) No século XVI, renova-se a formação de níveis de entulheira ricos em lixos domésticos (Cs. 9 e 8 da Sond. A1) no interior da muralha;

V) No decurso do século XVII, acumulam-se contra o paramento interior da muralha entulhos contendo materiais de construção e de uso doméstico (Cs. 4 e 5 da

Sond. A1). Ainda no século XVII, após destruição de parte subaérea do troço da muralha em análise, é construído no lote, avançando sobre a praia, um edifício residencial (Gravura de Pierre Baldi de 1668), com pavimentos argamassados de tijoleira e calçada (C. 6 da Sond. A1; C.5 da Sond. A2) e uma estrutura subterrânea de armazenagem. A expansão urbana para a frente ribeirinha criou uma zona residencial diferenciada, da elite local, enriquecida pela posse de propriedades rurais e urbanas e sobretudo pelo comércio marítimo (Soares, 2008);

VI) O Sismo de 1755, seguido de tsunami e incêndio, causou elevados danos em Setúbal (Claro, 1957; Coelho-Soares, 2005/07; Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014; Pereira de Sousa, 1928; Soares, Duarte & Tavares da Silva, 2005/07; Tavares da Silva, Soares & Duarte, 2004), comparáveis aos ocorridos em Lisboa. No lote urbano em estudo, este momento catastrófico da história da povoação ficou documentado na estrutura subterrânea de armazenagem do imóvel residencial. Nela ficaram preservados diversos episódios do colapso do imóvel, responsáveis pela fragmentação de importante conjunto de materiais,

como garrafaria, recipientes cerâmicos e cachimbos em caulino, revelando o elevado poder de compra dos proprietários desta mansão;

VII) À reconstrução pós-sismo, que parece ter sido rápida, pode ser atribuída a C.1B, e m.1 da Sond. A2 e a calçada 3A da Sond. B. O piso de cimento actual terá substituído o da segunda metade do século XVIII, reutilizando a respectiva sub-base (C.1B). Aquele piso pertence às últimas utilizações, de carácter comercial, do R/C do imóvel agora intervencionado.

Fig. 20 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem B. Planta de provável cabana (C.14).

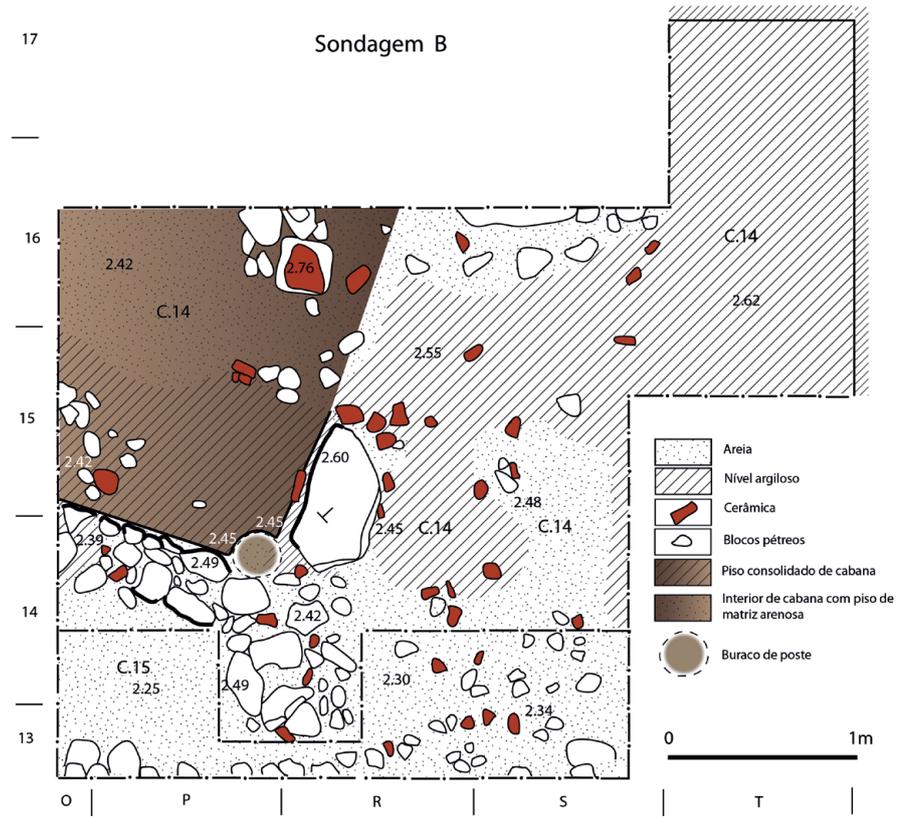
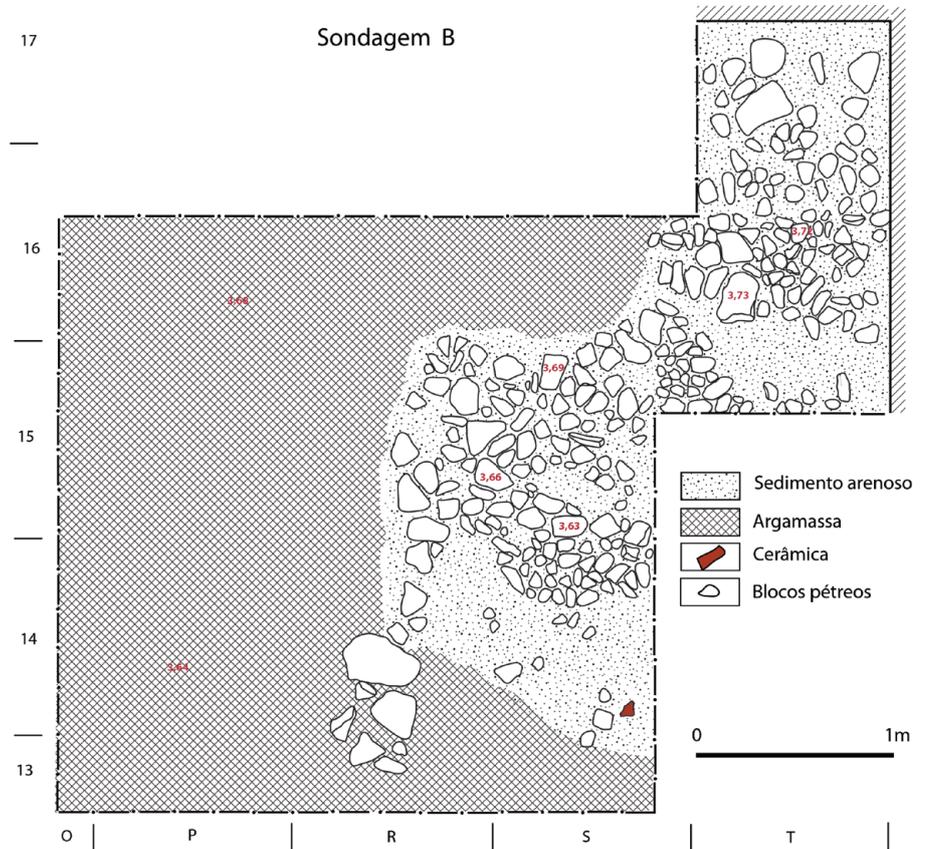


Fig. 21 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem B. Plano da calçada com áreas argamassadas (C.3A), pertencente a edifício do período barroco.



## SONDAGEM C

Localizada no limite NW do lote, abrangendo os Qs. E-G/22-24, esta sondagem, com 3x3m, revelou uma estratigrafia distinta das anteriores, representando uma diacronia muito mais ampla (Fig. 22).

Sequência estratigráfica obtida nos perfis norte e este (Fig. 22):

C.1A – Piso original do edifício do século XVIII, pós-sismo, composto por lajes de calcário (90x40cm), substituídas nos Qs. G24 e H24 por cimento. Espessura máxima ca. 0,10 m.

C.1B – Sub-base do piso constituída por argamassa amarelada e gravilha. Espessura máxima ca. 0,10 m.

C.2 – Sedimento arenoso castanho acinzentado. Espessura máxima ca. 0,07 m.

C.3 – Entulhos amarelados. Espessura máxima ca. 0,15 m.

C.4 – Sedimento argilo-arenoso de cor negra intercalado por areão castanho-alaranjado e escassos blocos de calcário. Espessura máxima ca. 0,12 m.

C.5 – Piso argiloso com áreas argamassadas ricas em

cal. Espessura máxima ca. 0,04 m.

C.6 – Enchimento composto por entulho, castanho-escuro, com cerâmica da 2ª metade do século XVII, material de construção, blocos pétreos e fauna. Destacamos prato em faiança com decoração a azul de cobalto (Fig. 23). Espessura máxima ca. 0,09 m.

C.7 – Sedimento carbonoso, nível de incêndio, com abundantes fragmentos de telhas e alguns blocos pétreos de médias e grandes dimensões. Parece corresponder a derrube de edifício. Espessura máxima ca. 0,29 m.

C.8 – Piso argamassado, mais ou menos arenoso e acinzentado (variações laterais). Espessura máxima ca. 0,03 m.

C.9 – Sedimento arenoso, cinzento acastanhado, com alguns fragmentos de telha e blocos pétreos. Espessura máxima ca. 0,29 m.

C.10 – Piso argamassado. Espessura máxima ca. 0,04 m.

C.11 – Entulho com fragmentos de telha dispostos horizontalmente (na base), alguns blocos pétreos e escassa cerâmica do século XV. Espessura máxima ca. 0,47 m.

C.12 – Sedimento arenoso, cinzento, com manchas argilosas e argilo-arenosas resultantes da desagregação de arenito do substrato pliocénico. Blocos pétreos de pequena dimensão, alguns materiais de construção e escassa cerâmica do século XV. Espessura máxima ca. 0,23 m.

C.13 – Piso areno-argiloso compacto com alguns

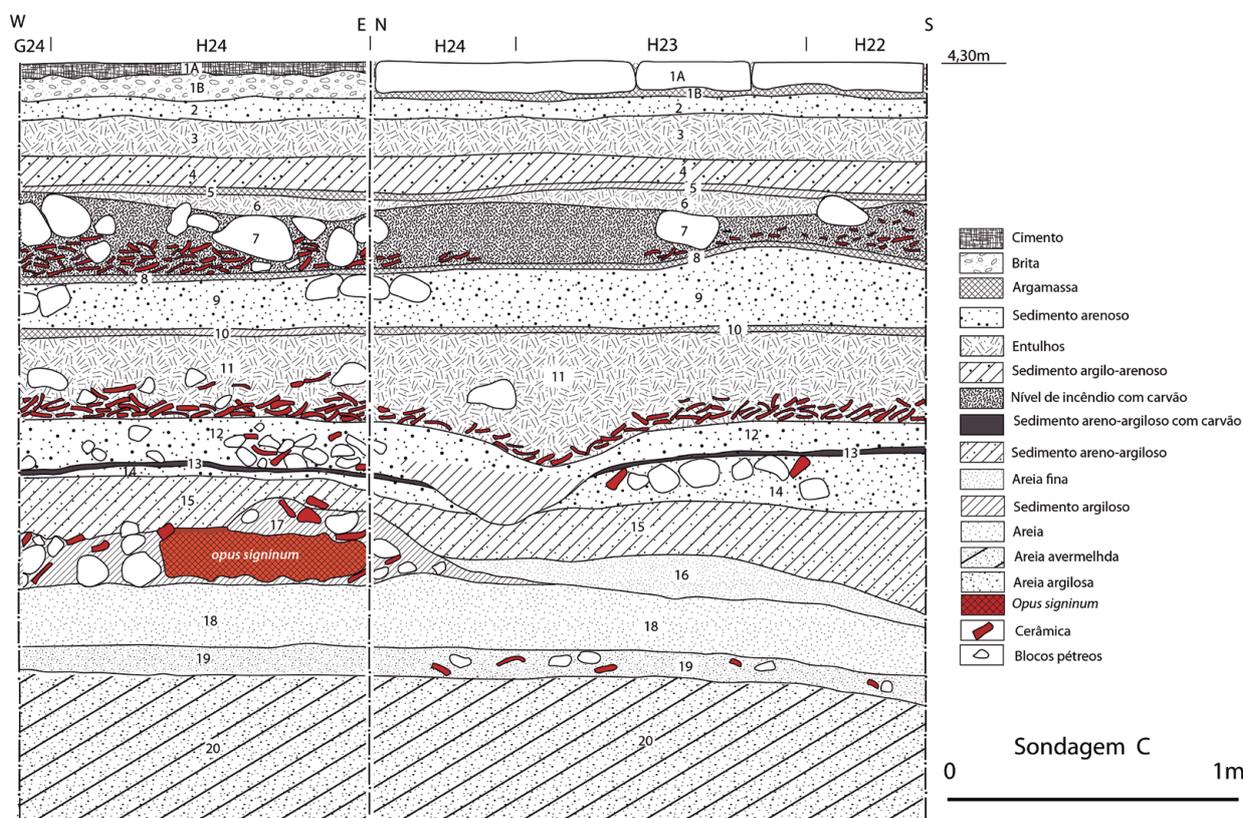


Fig. 22 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Perfis norte e este da Sondagem C.

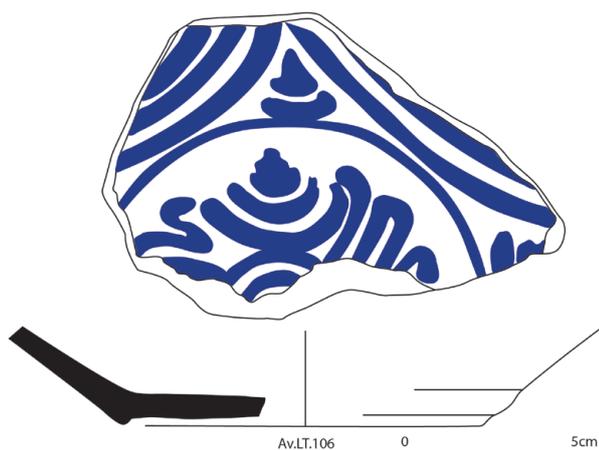


Fig. 23 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem C. Faiança com decoração geométrica e fitomórfica a azul de cobalto, 2ª metade do século XVII, proveniente da C.6.

carvões, fauna e escassa cerâmica do século XIV-XV. Possui pequena estrutura negativa de uso indeterminado. Espessura máxima *ca.* 0,03m.

C.14 - Camada de enchimento com blocos pétreos, de pequenas e médias dimensões, embalados em sedimento arenoso, castanho-médio, com escassos fragmentos de cerâmica. Espessura máxima *ca.* 0,21 m.

C.15 - Sedimento areno-argiloso, de cor negra, intercalado por lenticulas de areia mais clara. Nesta camada surge cerâmica islâmica (séculos XI-XII) (Fig. 24). Espessura máxima *ca.* 0,35 m.

C.16 - Lenticula de areia fina de praia. Espessura máxima *ca.* 0,16 m.

C.17 - Nível de derrubes, da época romana, com blocos pétreos e grande fragmento de *opus signinum*, embalados por sedimento argiloso castanho-avermelhado (Fig.

25). Espessura máxima *ca.* 0,30 m.

C.18 - Areia fina de cor bege com alguns blocos pétreos e cerâmica rolada. Espessura máxima *ca.* 0,21 m.

C.19 - Areia avermelhada com alguns calhaus rolados, cerâmica rolada e pregos de cobre. Espessura máxima *ca.* 0,12 m.

C.20 - Areia argilosa, avermelhada, muito compacta com calhaus rolados de pequena dimensão, embalando cerâmica da Idade do Ferro (cerâmica cinzenta orientalizante). Espessura escavada, 0,50 m.

## PRINCIPAIS RESULTADOS. ARQUEOLOGIA E INFORMAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

De uma forma muito esquemática, podemos elencar os seguintes aspectos mais relevantes da dinâmica da ocupação do lote 170-178 da Av. Luísa Todi:

1 - O sector norte do lote corresponde à frente ribeirinha do povoado da Idade do Ferro; a reduzida área escavada e as escassas informação e cultura material não permitem, por agora, mais afirmações. Espera-se que venha a ser possível alargar a Sondagem C.

2 - A mesma área forneceu ainda vestígios de ocupações da Época Romana e do Período Islâmico (Figs. 24 e 25). Entre o final da época romana e o período islâmico parece ter ocorrido um episódio transgressivo; esta subida do nível das águas da baía levou à deposição da C.16 da sond. C e à erosão de estruturas romanas (C.17 da Sond. C);

3 - Provavelmente durante o século XIII, ou mesmo

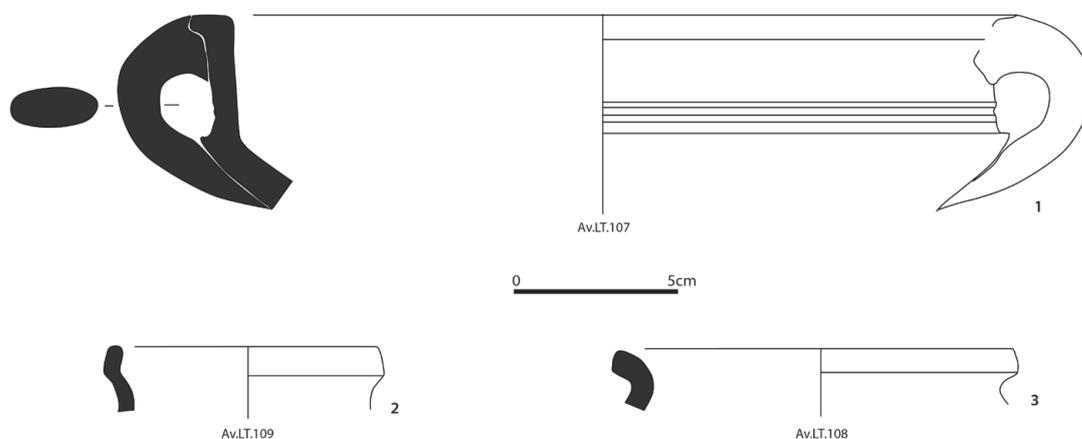


Fig. 24 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem C. Cerâmica islâmica (séculos XI-XII): 1 - caçarola; 2 - jarrinha; 3 - panela.

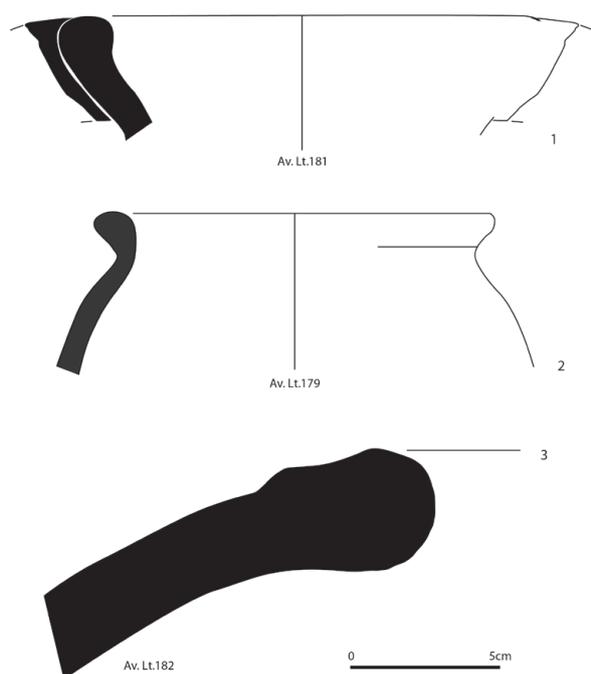


Fig. 25 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Sondagem C. Espólio da época romana proveniente da C.17: 1 - ânfora Sado 1, variante A; 2 - panela em cerâmica comum; 3 - *dolium*.

em data anterior, é construída no sector sul do lote uma rampa portuária com blocos de grandes dimensões (Fig. 19), a qual viria a ser afectada pela edificação da muralha, no século XIV. Nesta fase, uma provável cabana, muito rudimentar, assentou sobre o topo da rampa, reutilizando materiais da mesma, não sendo improvável a sua afectação às obras de construção da muralha, que exigiu certamente estaleiro de apoio aos trabalhadores ocupados na sua construção (Figs. 17 e 20).

4 - Em pleno século XIV, é construída a primeira fortificação do burgo. Os seus profundos alicerces<sup>1</sup>, instalados nas areias da praia, foram apenas aflorados. O pano da muralha, em alvenaria de pedra irregular e argamassa rica em cal, tem a espessura de cerca de 2m (Figs. 3, 9 e 26) e atravessa o sector meridional do lote na direcção este-oeste. Nesta área, a muralha desenha uma presumível torre rectangular que se prolonga cerca de 3m para sul (Fig. 26), aumentando o perímetro defensivo e buscando a proximidade da linha de costa.

5 - Durante o século XVII, o burgo “galga a muralha”, precocemente neste troço, obedecendo a novas concepções

urbanas. Aqui estabelece residência o abastado casal André Velho Freire e Fellipa Paredes, principais patrocinadores do Colégio de S. Francisco Xavier de Setúbal.

6 - A muralha é então parcialmente arrasada; o edifício barroco alinha a sua fachada meridional pela “torre” da fortificação, integrando-a na reedificação do quarteirão. A fachada meridional do edifício actual, apesar da tentativa de homogeneização pelas obras de reabilitação do pós-sismo de 1755, conserva a memória das sucessivas fases construtivas do quarteirão (Figs. 26 -28). De oeste para leste, observa-se uma primeira fachada com três pisos, que reutiliza a “torre” medieval e inclui no seu piso zero o postigo de João Galo; contíguo a esta, surge uma segunda fachada também com três pisos, que corresponde parcialmente à representação do imóvel na gravura de Pierre Baldi de 1668, embora com o piso nobre (2º) actualizado ao gosto pombalino; no sector nascente, o complexo edificado mostra uma fachada de apenas dois pisos, de tipologia pombalina, a que corresponde o sector objecto da nossa escavação. Este foi, visivelmente o sector do quarteirão mais afectado pelo sismo de 1755 e, pelo menos aparentemente, integralmente reconstruído durante o período pombalino. A estrutura fundiária do quarteirão comportava, no século XVII, diversas habitações, sendo, a virada à Rua das Farinhas, residência de Filipa Paredes, como se depreende do treslado do testamento de Dona Filipa Paredes, viúva de André Velho Freire, a favor do Colégio de S. Francisco Xavier de Setúbal, datado de 1657:

“ [...] Declaro que nesta Caza há a fazenda seguinte Hua marinha em Mutrena, outra marinha em Palma, hua erdade junto a Landeyra chamada da molinhola, e estas cazas em que moro, outras cazas encostadas a estas que tem a serventia na Rua de João Galo, em que mora António Nunez Leytão. Outras Cazas junto a estas que tem a serventia no Postigo das farinhas, onde está a principal das minhas cazas; Mais huma logea defronte das minhas cazas que servem de Almazem; mais outras cazas junto ao Postigo de Donna Aldonça em que mora Joan Roiz. Mais duas moradas de cazas no Postigo da Barbuda, em que mora Izabel Roiz e Maria Correa; Mais outras cazas na Rua das Tavernas, em que mora Manoel [...] e Leonor Ribeira [...] Mais outras cazas junto a miscórdia foram do Tesselam [...]”<sup>22</sup>

Fig. 26 - Avenida Luísa Todi, 170-178. Implantação do troço da muralha medieval agora posto a descoberto (vermelho). Reconstituição do traçado provável da mesma muralha.



7 – Em 1680, é emitida a Sentença Apostólica que permite a venda dos bens daqueles patrocinadores do Colégio de S. Francisco Xavier de Setúbal para alargamento do mesmo (Gato de Pinho, 2013, p. 44). Porém, desconhecemos a quem foram vendidas as casas do quarteirão em estudo.

8 – O sismo de 1755 e o respectivo tsunami fizeram certamente os seus estragos neste conjunto edificado. No entanto, devemos ter presente que o impacto do tsunami foi aqui atenuado por efeito da segunda linha de muralhas (essa sim destruída), e pela robustez da primeira linha de muralhas em que se encastraram dois dos edifícios do quarteirão. O que terá servido de residência a Dona Filipa Paredes, já representado na gravura de 1668, teria três pisos e terá sido o mais duramente atingido. Na reconstrução foram apenas conservados dois pisos.

9 – A reconstrução pós-sismo de 1755 teria sido rápida e orientada por um programa de uniformização da fachada meridional do quarteirão, que integra um

piso nobre com grandes e ritmadas janelas de pesadas cornijas e demais cantarias calcárias. Em 1762, o edifício principal era propriedade de Adolfo Pesch, cônsul inglês, que aí vivia com sua família e criada<sup>3</sup>. Embora o arruamento do Postigo das Farinhas continue a ser referência privilegiada, no documento de cobrança de impostos refere-se a vista e abertura do imóvel para a praia:

“Propriedade de casas nobres de Adolfo Pesch, Cônsul da Nação Inglesa, consta de várias lojas e um andar, com vista e seventia para a Praia, tudo ocupado pelo dono e vale 50.000.”

10 – A estrutura de armazenagem subterrânea identificada na sondagem A2 revelou um conteúdo atribuível à primeira metade do século XVIII, destacando-se a presença de importações (cachimbos em caulino, *stoneware* germânico e caneca vidrada de tipo *agateware* atribuída ao centro produtor de Staffordshire) e de um amplo conjunto de garrafas, possivelmente produzidas na Real Fábrica de Coina,

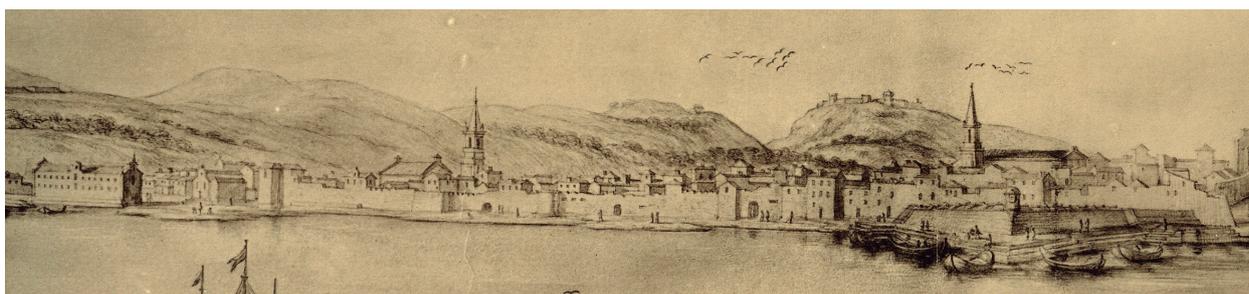
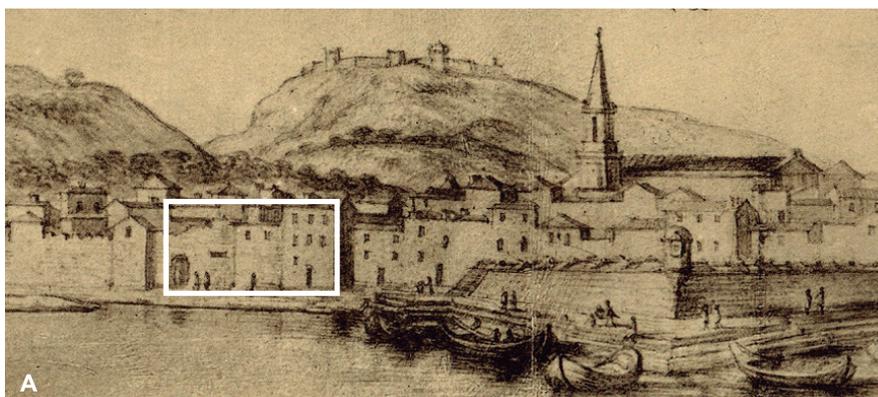
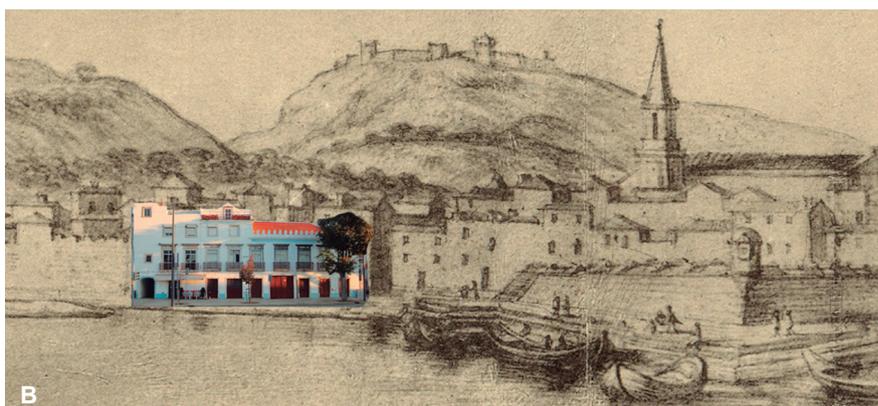


Fig. 27 – Extracto da gravura da frente ribeirinha de Setúbal, de Pierre Baldi, 1668. Gravura do livro “Viagens de Cosme de Médicis por Espanha y Portugal”, 1668-1669.



A



B

Figs. 28A e B – Pormenor da gravura anterior, com a delimitação dos edifícios objecto de escavação arqueológica. A- fachadas originais do 3º quartel do século XVII; B - fachadas actuais.

que poderiam ter sido destinadas a conter “Água de Inglaterra”, água de quina, que teve nesta época uma grande divulgação pelas suas qualidades medicinais. Não é de descartar a hipótese do Cônsul inglês ter estado associado à rede de distribuição deste medicamento (Castro, 1828; Pinto, 2015).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a António Cunha Bento o apoio dispensado na recolha da documentação historiográfica relevante; a Antónia Coelho-Soares as magníficas fotografias de materiais que ilustram este artigo; a António Júlio Costa a sua importante colaboração na

escavação e nos desenhos de campo; a Barbara Polyak o sempre dedicado acompanhamento nas visitas ao Museu da Farmácia e demais logística que este trabalho implicou e ainda na tradução para inglês do resumo; a Paula Palmeira o excelente restauro da garrafaria do século XVIII.

## NOTAS

1 - Na intervenção arqueológica realizada na Avenida 5 de Outubro, 67-69, a muralha medieval conservava o alicerce com cerca de 1,1m de altura, e a zona subaérea mantinha ainda a altura de cerca de 1m (Duarte & Tavares da Silva, 2014).

2 - Transcrição do manuscrito “Treslado do testamento de Donna Fellipa Paredes”. Fólios 003 a 004v. LUS841PT, Archivum

Romanum Societatis Iesu. Transcrição e revisão de Inês Gato de Pinho e António Cunha Bento. In Inês Gato de Pinho (2013) – *De colégio de S. Francisco a Palácio Fryxell. História e análise arquitetónica*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, p.151 (anexo 3).

3 - “Lançamento da décima dos prédios urbanos da Freguezia de Santa Maria”, de 1762, para vigorar no ano seguinte; documento gentilmente facultado por António Cunha Bento, a quem muito agradecemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, L. (1990) – *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de sociabilidade e poder*. Setúbal: Santa Casa da Misericórdia de Setúbal.
- Braga, P. D. (1998) – *Setúbal medieval (Séculos XIII a XV)*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- Castro, J. J. de (1828) - *Agua de Inglaterra da invenção do Dr. Jacob de Castro Sarmiento*. Lisboa: Impressão Régia.
- Claro, R. P. (1957) – *Setúbal no século XVIII. As informações paroquiais de 1758*. Setúbal: Tipografia Rápida.
- Custódio, J. (2002) – *A Real Fábrica de Vidros de Coína [1719-1747] e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: IPPAR.
- Coelho-Soares, A. (2005/07) – Para o inventário do património azulejar de Setúbal: “registos” de azulejos setecentistas em edifícios civis. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p. 133-148.
- Duarte, S.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões n.ºs. 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 341-372.
- Duarte, S.; Tavares da Silva, C. (2014) – Faianças portuguesas em contextos de lixeira da Setúbal Moderna. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 215-228.
- Erickson, M.; Hunter, R. (2003) - Swirls and Whirls: English Agateware Technology. *Ceramics in America*, edited by Robert Hunter. Chipstone Foundation, p.87-110. [http://www.michelleericksonceramics.com/pdf/CiA2003\\_Erickson&Hunter.pdf](http://www.michelleericksonceramics.com/pdf/CiA2003_Erickson&Hunter.pdf) (consultado a 26.11.2018)
- Gato, I. P. (2013) – *De colégio de S. Francisco Xavier a Palácio Fryxell: história e análise arquitetónica*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Meulen, J. van der (2003) - *Goudse pijpenmakers en hun merken*. Leiden: Pijpelogische Kring Nederland, Stedelijke Musea Gouda.
- Miller, J. Jefferson II; Stone, L.M. (1970) - *Eighteenth-Century Ceramics from Fort Michilimackinac: A Study in Historical Archeology*. Smithsonian Institution Press.
- Pereira de Sousa, F. L. (1928) – *O Terremoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal e um estudo demográfico*. Lisboa: Serviços Geológicos.
- Pinto, H. J. F. O. (2015) - *Jacob de Castro Sarmiento e o conhecimento médico e científico do século XVIII*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- Rau, V. (1984) *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal – Estudo de História Económica, Estudos sobre a História do Sal Português*. Lisboa: Ed. Presença.
- Ruders, C. I. (2002) – *Viagem em Portugal, 1798-1802*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Soares, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. In *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 101-130.
- Soares, J. (2008) – Economia do estuário do Sado. Breve introdução diacrónica. In J. Soares (ed.), *Embarcações tradicionais. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, p. 31-78.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1982) – *Muralhas medievais de Setúbal*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2018) – Introdução. Caetobriga: uma cidade fabril e polinucleada na foz do Sado. In C. Tavares da Silva (coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 11- 42.
- Soares, J.; Duarte, S.; Tavares da Silva, C. (2005/07) – Sismos e Arqueologia Urbana. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, nº 69, Setúbal. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p. 83-102.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Duarte, S. (2004) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 1, p. 137-152.